

REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO LENDÁRIO AMAZÔNICO, ATRAVÉS DA ARTE, NA ESCOLA ESTADUAL NAZIRA LITAIFF MORIZ

REPRESENTATIONS OF THE LEGENDARY AMAZONIAN IMAGINARY, THROUGH ART, AT THE NAZIRA LITAIFF MORIZ STATE SCHOOL

Recebido em: 10/04/2020

Aceito em: 20/01/2021

Laura Laís de Souza Oliveira¹
Núbia Litaiff Moriz Schwamborn²
Thaila Bastos da Fonseca³

Resumo: O presente texto refere-se ao projeto de ensino aplicado pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, aos alunos do 8º ano do ensino fundamental, do turno vespertino da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz, localizada em Tefé/Amazonas. O texto ora apresentado pretende evidenciar as representações do imaginário lendário, por intermédio do potencial artístico dos discentes. No trabalho realizado, a temática versa sobre as representações do imaginário lendário amazônico e o objetivo geral consistiu em desenvolver o potencial artístico dos estudantes, por meio de atividades artísticas e pedagógicas que primaram pela valorização cultural dos povos da Amazônia. Para tanto, concebeu-se a arte amazônica como legítima, a fim de romper com o discurso cultural hegemônico e considerou-se a diversidade dos saberes e a pluralidade cultural que esta imensa região agrega relacionadas, sobretudo à arte e à representação do imaginário amazônico. Na trilha metodológica, os bolsistas fizeram o estudo teórico, com autores como: Ferreira (2001), Bueno (2002), Loureiro (2015), entre outros e, posteriormente, selecionaram as lendas pertinentes à cultura local, juntamente com os discentes. Após a socialização dos textos, discutiu-se em sala de aula acerca da relevância da literatura regional e foram realizadas atividades pedagógicas como sequências didáticas de leituras, além da oficina artística e da exposição de arte amazônica. Como principais resultados, inferimos que o trabalho possibilitou o desenvolvimento do potencial artístico e o protagonismo dos discentes, além de promover a valorização da cultura local.

Palavras-chave: Imaginário Amazônico; Produção Artística; Valorização Cultural.

¹Discente do curso de Letras-Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas (CEST/UEA); Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; E-mail: lldso.let17@uea.edu.br

²Professora Dra. em Ciências da Educação (USC); Docente do Colegiado de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST/UEA); Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEA; E-mail: nmoriz@uea.edu.br

³Professora Mestra em Ciências Humanas (PPGICH-UEA); Professora da Rede Estadual (SEDUC-TEFÉ) e Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEA; E-mail: thailabastos@yahoo.com

INTRODUÇÃO

O presente texto versa sobre o trabalho desenvolvido pela equipe do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST, unidade acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas – UEA e visa, sobretudo, evidenciar as representações do imaginário lendário, por intermédio do potencial artístico dos discentes da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz, que está localizada no município de Tefé, no estado do Amazonas, região Norte do Brasil. Sendo assim, é importante ressaltar que o imaginário dos povos da Amazônia é latente na cultura local e, na oralidade, as narrativas populares que inserem os contos regionais, os mitos e, principalmente, as lendas, ainda fazem parte do cotidiano e permanecem vivas nas reminiscências das pessoas, embora, com o advento das mídias em massas, sobretudo, com o recurso da internet, esta riqueza cultural tem ocupado um espaço menor na vida dos estudantes.

Dessa forma, através do respectivo trabalho, integrado ao PIBID, objetivou-se, primordialmente, desenvolver o potencial artístico dos estudantes, por meio de atividades artísticas e pedagógicas propícias que primaram pela valorização cultural e pela criatividade. Entre os objetivos específicos, evidenciaram-se os seguintes: ressignificar no ambiente escolar, a cultura dos povos da Amazônia; refletir sobre os encantos das narrativas lendárias e os saberes que circulam no contexto dessas narrativas e, conseqüentemente, desconstruir a ideia erguida pelo paradigma ocidental de que o inventário amazônico é construído por narrativas primitivas e de temáticas regionais sem nenhum valor.

Levando-os a pensar na arte, como forma de reconhecimento e legitimação dos saberes que permeiam a tradição oral, a metodologia pautou-se em uma abordagem participativa, partindo do princípio de que os estudantes e bolsistas de iniciação à docência podem construir um aprendizado coletivo, de reconhecimento e de ressignificação da cultura local. No percurso metodológico, inicialmente, os bolsistas selecionaram e socializaram narrativas lendárias pertinentes na região Amazônica, tais como as lendas do Boto, da Iara, do Curupira e da Cobra Grande, entre outras. No contexto da sala de aula, discutiu-se acerca da relevância da literatura regional e do potencial artístico de cada ser humano, visando às atividades de desenho e ilustração das lendas. O desenvolvimento do trabalho incluiu ainda aplicação de atividades pedagógicas como seqüências de leituras, compreensão de textos e outras atividades pedagógicas coletivas e individuais como: reescrita de textos, mediação das narrativas regionais, rodas de leitura, desenho e pintura. Após a socialização das narrativas populares,

realizou-se uma Oficina de Artes com os estudantes do 8º ano do ensino fundamental, turno matutino da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz, envolvidos no projeto de ensino e uma exposição artística para toda a comunidade escolar. Entre os resultados satisfatórios, constatou-se o desenvolvimento do potencial artístico dos discentes, o desenvolvimento da oralidade e enriquecimento do vocabulário e uma ressignificação do imaginário lendário amazônico, visto que os estudantes reconheceram os saberes milenares que permeiam as narrativas lendárias amazônicas.

A AMAZÔNIA ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

A Amazônia, “apesar de seculares investigações, é conhecida aos fragmentos, e tudo o que se escreve a seu respeito se adstringe aos seus inumeráveis aspectos parcelados” (MORAES, 2001, p. 15). Nessa concepção, o ideário sobre a Amazônia foi inventado, ou melhor, construído mediante o imaginário e o real de seus narradores, principalmente daqueles que se debruçaram e que se ocuparam em definir o que é a Amazônia. De antemão, antecipamos que esta região é um universo de mundos, cujas definições são plurais e, em hipótese alguma, deve ser caracterizada ou conceituada de forma hegemônica.

A Amazônia é de uma pluralidade cultural e de muitas histórias. Nos primórdios, foi palco de grandes acontecimentos historiográficos como colonizações, lutas territoriais, o ciclo da borracha, a decadência do período gomífero, entre outros diversos aspectos como: o encantamento de suas riquezas naturais, a etnografia e os aspectos culturais e folclóricos. Sobre a construção do imaginário, acerca da Amazônia, sabe-se que constituía, “a partir do século XVI, uma imagem associada ao Novo Mundo, e não a Amazônia especificamente – foi estruturada, inicialmente, a partir de narrativas” (BUENO, 2002, p. 03). Ainda recorrendo à teórica, segundo seu olhar, a construção do imaginário na região amazônica, consistia nas imagens que eram criadas,

a partir da fusão de formas e paisagens já conhecidas com as informações obtidas a partir dos relatos sobre o Novo Mundo. Posteriormente, os desenhos, figuras, pinturas, enfim, a iconografia sobre o continente foi incorporada à representação anterior. Muito depois vieram a fotografia e o cinema, que em certa medida transformaram o processo de constituição desse imaginário não impediram a prevalência de certas concepções formadas muito anteriormente, como a uniformidade da paisagem, a associação com a ideia de paraíso ou de *el dourado* (BUENO, 2002, p. 3-4).

Mediante o exposto, é possível perceber que o imaginário construído desta região parte de uma ideia uniforme. Em contrapartida, numerosos e diversos são os sentidos associados

acerca da Amazônia, visto que as imagens são múltiplas. Sendo assim, destacaremos duas visões: a externa e a local. A primeira é construída de fora para dentro, principalmente por aqueles que não habitam a região, mas possuem uma relação temporária, a partir de visões pré-estabelecidas e carregadas de juízos de valores. A segunda é a visão local dos habitantes da floresta e dos amazônidas que construíram uma relação pessoal de identidade, compreendendo a Amazônia de acordo com os saberes e os conhecimentos que lhes foram transmitidos por intermédio, sobretudo da cultura da oralidade.

Partindo desse pressuposto acerca dos olhares sobre a Amazônia, “percebe-se nas relações estetizantes com o real da Amazônia que há um maravilhamento do homem, o que é próprio de quem está distante de algo que é imenso” (LOUREIRO, 2015, p. 82). E diante dessa imensidão de mundos, o teórico ainda afirma que neste algo imenso é que,

a pequenez do homem se evidencia. Pequenez que é superada pelo homem natural por intermédio de um imaginário que a transforma e permite uma articulação com a natureza, dentro de uma relação em que estão presentes as categorias perto-longe, convivência-estranhamento (LOUREIRO, 2015, p. 82).

Desse modo, partindo do olhar local, da visão de suas relações entre os elementos da natureza, que os estudantes da escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz, integrada à rede estadual de ensino, e os bolsistas do PIBID evidenciarão as representações do imaginário lendário da região amazônica, por intermédio da arte. Posto que, a cultura amazonense é rica, porém ainda é vista pela cultura dominante e colonizadora de forma subalternizada e marginal, pois a veem dentro de uma perspectiva regionalista. Nesse sentido, as pessoas que residem neste espaço ainda são caracterizadas pela mídia colonialista como povos selvagens, e com isso acabam transmitindo uma ideia estereotipada carregada de juízo de valores, que em certa medida, tenta diminuir cultural e artisticamente esta região.

Diante desta problemática, é importante acrescentar que a identidade da cultura cabocla “tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos” (LOUREIRO, 2015, p. 55) como os caboclos e índios da Amazônia. Dessa forma, a cultura amazônica:

Tornou-se a expressão das camadas populares das cidades, fundindo-se assim numa só argamassa cultural – a da cultura popular. E nisso reside uma das contradições fundamentais da cultura cabocla: ela é dominante no sentido de pertencer à camada social que abrange a maior parte da população, mas é também marginal, na medida em que é rejeitada ou não reconhecida pelos poderes instituídos e geralmente ignorada pelas políticas públicas. E ainda pelo fato de que as manifestações artísticas próprias

dessa cultura se fazem fora dos espaços culturais que o poder público constrói e destina – quase exclusivamente – à cultura não cabocla (LOUREIRO, 2015, p.55).

Mediante o exposto, para construir uma identidade artística e cultural amazonense é extremamente necessário que nós, professores e educadores tenhamos consciência de que é “necessário transpor a barreira da exclusão e refletir sobre uma cultura de autorreconhecimento e consciência do próprio valor e da sua inserção no conjunto da literatura e da arte nacional canônica”, conforme afirmam Renara Auanário Cacau, Núbia Litaiff Moriz Schwamborn e Thaila Bastos da Fonseca no artigo “Desenvolvendo a arte pan-amazônica, através do PIBID, na Escola Estadual São José” (2019, p. 02). Neste sentido, para compreendermos a Amazônia, “assimilar e exprimir a complexidade de sua natureza” (MORAES, 2001, p. 19), é preciso também o devido reconhecimento pelos poderes constituídos, sobretudo, na valorização e respeito à cultura cabocla e no investimento em ações que visem à propagação e ao desenvolvimento artístico da cultura local, fomentados em todas as esferas de ensino, para assim ser prestigiada, conhecida e valorizada em toda a sua diversidade cultural.

A ARTE COMO REPRESENTAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURAL LOCAL

A arte e as manifestações artísticas estão presentes na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Comumente, as pessoas já interagiam entre si e com o próprio mundo, por intermédio da arte, portanto, as manifestações artísticas são consideradas como uma necessidade de expressão e comunicação dos seres humanos, desde antes da escrita.

É por intermédio da expressividade artística, que a humanidade expressa suas manifestações culturais, tradições, crenças, valores, histórias e costumes. Nesta perspectiva, “a arte e a cultura no Amazonas são partes da diversidade” (CACAU *et al.*, 2019, p. 02) e a literatura pan-amazônica, que insere os textos regionais, em especial as lendas e os mitos, constitui “uma cultura com expressão própria, embora de extração mais recente que a expressão literária de outras regiões brasileiras, mas ela já foi capaz de assimilar a linguagem da região e a voz de seu povo” (FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA, 2016, p. 61).

Acerca da arte literária, pode se afirmar que a literatura “contribui também para a ampliação do horizonte cultural dos estudantes que, em sua vida profissional, serão, certamente, questionados sobre as mais variadas faces do saber” (MORIZ, 2012, p. 29). Ao utilizar-se “dos textos literários, das metáforas e analogias, da linguagem plurissignificativa, intuitiva e pessoal, o homem constrói e recria um outro mundo, subjetivo e fundado no imaginário literário”

(MORIZ, 2012, p. 35). Nesta acepção, a pluralidade cultural não somente oportuniza uma abordagem diversificada no âmbito escolar, como também constitui um meio incentivador para o ensino da arte em sala de aula e valorização da cultura local, visto que incorpora acontecimentos reais de uma pluralidade de mundos que é a Amazônia.

A arte é vida, ela representa também o meio social dos povos da Amazônia. É por meio da arte que “o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece” (BUORO, 2000, p. 25). Sendo assim, através da manifestação artística podemos interpretar nossas crenças, lendas, histórias e culturas, porém para que haja efetividade neste processo, é necessário que os (as) professores (as) se expressem e a usem no âmbito escolar. Posto que a arte configura-se também como uma produção coletiva, de representação social, constitui “uma estratégia fundamental no processo da formação humana, porque as pessoas a utilizam para dialogar com o meio em que vive” (CACAU *et al.*, 2019, p. 03) consigo e com seus semelhantes.

Ainda sobre sua relevância, “[...] A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade” (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999, p. 19). No campo educacional, é uma proposta capaz de provocar mudanças no modo de os estudantes reconhecerem e interpretarem a sua realidade, como também promover a ressignificação da cultura local.

O processo do ensino e aprendizagem da arte ocorre na educação formal, contudo, a arte está presente em diversos ambientes, tanto explicitamente como subjetivamente. O estudo dela é necessário, ao considerarmos que “o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer” (FERREIRA, 2001, p. 15).

Neste sentido, “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos” (FERREIRA, 2001, p. 15). Ao compreenderem isso, os estudantes se tornarão pessoas mais humanas e sensíveis mediante a sua realidade, pois a arte, como “um complexo sistema de reações emotivas, imaginativas, reflexivas” (AMORA, 2006, p. 60), permite desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos discentes.

AS TRILHAS PERCORRIDAS NO FAZER METODOLÓGICO

Metodologicamente, as trilhas percorridas no desenvolvimento do trabalho foram pautadas em uma abordagem participativa. Portanto, partindo do pressuposto de que as professoras pesquisadoras (coordenadora e supervisora de área do PIBID/Letras – Língua Portuguesa), alunos (as) do 8º ano do ensino fundamental, do turno vespertino da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz e bolsistas de iniciação à docência do PIBID poderiam coletivamente abordar um fenômeno que está presente na vida das pessoas: o imaginário amazônico local, tomamos como um processo de aprendizado mútuo, no qual todos aprendem com todos. Assim, as atividades, metodologicamente, constituíram um processo eminentemente educativo e coletivo.

Partindo desse pressuposto, realizamos uma investigação ação participante, levando em consideração a importância dos sujeitos em nossa pesquisa: os (estudantes), pois são eles os protagonistas e participantes do nosso trabalho. Sendo assim, esta ação apresentou um enfoque diferente do método tradicional, no qual as pessoas são vistas como meros objetos de pesquisa e, portanto, concebemos que a investigação participante é:

[...] mais do que uma atividade investigativa, é um processo eminentemente educativo de autoformatação e autoconhecimento da realidade na qual a pessoa, que pertence à comunidade ou ao grupo, sobre os quais recai o estudo, tenha uma participação direta na produção do conhecimento sobre a realidade (CANO, 2003, p. 59).

Desse modo, nesse tipo de abordagem, realizado no ambiente escolar, no município de Tefé, foi de extrema relevância a participação e o diálogo entre os integrantes do projeto de ensino, no qual as decisões e resultados foram frutos de constantes diálogos e socialização entre a professora coordenadora, professora supervisora, entre os acadêmicos de Letras, bolsistas do PIBID e os educandos do ensino fundamental, precisamente do 8º ano, do turno vespertino da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz.

No fazer metodológico, introdutoriamente, foi feita a revisão de literatura e estudo teórico pelos bolsistas de iniciação à docência com os seguintes autores: Ferreira (2001), Moraes (2001), Bueno (2002), Moriz (2012), Loureiro (2015), entre outros que já abordaram o tema relacionado à cultura, à literatura e à arte. A seguir, foram apresentadas aos discentes, aulas sobre os estudos teóricos, objetivando mostrar a importância da cultura local e motivar à descoberta do potencial artístico que cada ser humano carrega consigo. Posteriormente, foram aplicadas aos alunos, várias atividades pedagógicas que incluíram leitura, compreensão e

socialização das narrativas regionais (lendas, mitos e até poemas de temática amazônica), sequências didáticas de leitura individual, oral e coletiva, entre outras atividades. Logo após, aplicamos a Oficina de produção textual que teve como base a reescrita das lendas e mitos amazônicos. Depois, houve uma Oficina de desenho e ilustração das lendas trabalhadas. Este processo visou desenvolver o potencial artístico e criativo dos sujeitos envolvidos no projeto de ensino que materializaram artisticamente os elementos da cultura popular da Amazônia. Ainda foi realizada uma premiação dos estudantes que, segundo os próprios alunos e bolsistas, demonstraram grande aptidão artística. Essa etapa foi realizada com fins à organização da Exposição da Literatura e Arte Pan-Amazônica para a comunidade escolar.

Quanto à exposição, a mesma versou sobre o registro das narrativas amazônicas, dos mitos e lendas, dos desenhos ilustrativos feitos pelos discentes e das manifestações culturais e literárias de artistas amazonenses, pois são através desses elementos que os povos da floresta enxergam a realidade amazônica.

A Exposição da Literatura e Arte Pan-Amazônica contou com a participação da comunidade acadêmica escolar, da gestora e docentes da escola, da professora coordenadora de área e da supervisora do PIBID e finalizou com o varal artístico para apreciação da arte e interação com os demais estudantes da Escola, e conseqüentemente, promoveu-se o estímulo e incentivo à arte no contexto escolar. Desse modo, concebemos que através desse trabalho, realizamos um exercício prático educacional para buscarmos um diálogo mais honesto, democrático e justo com os diferentes saberes que permeiam a cultura regional amazônica.

OS RESULTADOS E DISCUSSÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS ADQUIRIDAS

As narrativas amazônicas são específicas da oralidade e inerentes às memórias das pessoas. As representações do imaginário lendário da Amazônia estão ancoradas em uma memória coletiva que se constitui em um conjunto de crenças que fazem parte do mundo sociocultural dos estudantes.

Nesta acepção, a memória e “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos” (HALBWACHS, 2006, p. 12). Portanto, estamos tratando no referido projeto de ensino, dos significados de um grupo social sobre um determinado saber, como é o caso do imaginário amazônico.

Neste sentido, na presente parte, destacaremos o trabalho prático: os desenhos e as ilustrações artísticas dos alunos que ressignificaram o universo temático amazônico,

contribuindo assim para a valorização dos discentes e dos aspectos culturais desta região. Com o trabalho desenvolvido, foi desconstruída a ideia de cultura inferior e marginalizada dos estudantes e bolsistas, devido à localização territorial da Amazônia. A seguir, a representação artística na figura 1 é inerente à Mãe da Mata, que, de acordo com o imaginário do estudante, é a protetora dos animais.

Figura 1: Representação Artística da personagem lendária Mãe da Mata



Fonte: Arquivo do PIBID/Letras-Língua Portuguesa – 2019.

Também foram selecionados para o presente texto, os relatos dos discentes para maior entendimento das ilustrações feitas. A Mãe da Mata é uma das personagens do imaginário lendário amazônico, que protege os elementos da natureza. Na visão do estudante do 8º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz:

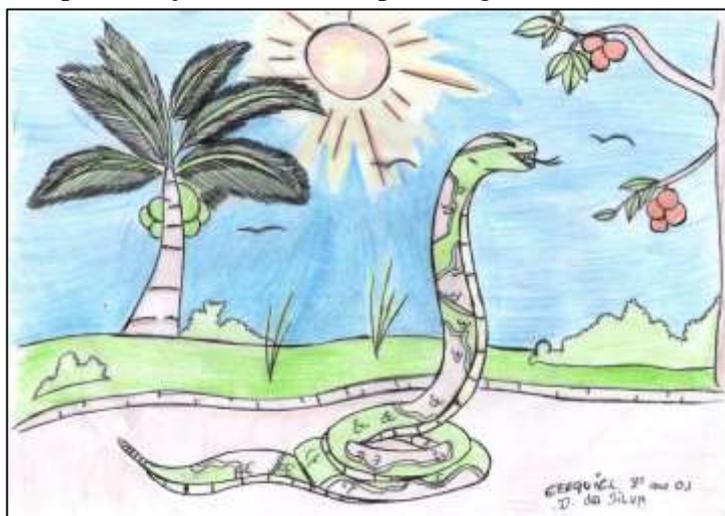
Quando o homem que caça com ganância e destrói a natureza, sem pensar no futuro da floresta, a Mãe da Mata aparece, com os olhos de uma cobra grande, como se saísse fogo e os pés iguais de um Curupira montada no porco-queixada para assustar os invasores; castigando aqueles gananciosos que só querem enriquecer à custa da floresta. A Mãe da Mata é conhecida como a Mãe Natureza, Mãe Terra e Mãe dos Bichos (PIBID/Letras-Língua Portuguesa. Relato do imaginário lendário dos estudantes, 2019).

Na figura seguinte, um estudante reproduziu artisticamente A lenda da Cobra Grande. Mediante o relato do seu imaginário, este ser lendário emerge das profundezas das águas para proteger as riquezas e as farturas da floresta. A lenda é narrada, como forma de levar as pessoas a respeitarem e temerem o espaço natural deste ser lendário. No relato abaixo, o estudante assim afirma:

Na comunidade onde meus pais nasceram e cresceram tinha muitas riquezas, hoje eles falam que as farturas do passado não são como as dos tempos atuais. Meu pai

sempre falava do medo que tinha da Cobra Grande, pois se você não respeitasse a natureza, colhendo e pescando somente o necessário, ela aparecia e engolia as pessoas que estragavam os alimentos (PIBID/Letras-Língua Portuguesa. Relato do imaginário lendário dos estudantes, 2019).

Figura 2: Representação Artística da personagem lendária Cobra Grande.



Fonte: Arquivo do PIBID/Letras-Língua Portuguesa – 2019.

A personagem lendária da imagem seguinte é o Boto. Segundo o imaginário lendário amazônico, ele é um animal encantado, que se transforma em um belo homem, vestido de branco, com um chapéu na cabeça para seduzir e enfeitiçar as moças da comunidade.

Figura 3: Representação artística da personagem lendária: o Boto.



Fonte: Arquivo do PIBID/Letras-Língua Portuguesa – 2019.

A lenda do boto, apesar de apresentar-se em várias versões, geralmente está associada ao encantamento e à sedução que o boto exerce sobre as mulheres e crianças. De acordo com a capacidade imaginária do estudante, a lenda refere-se ao boto encantado,

que emerge dos rios e sai a bailar pelas festas alheias e antes do amanhecer, desaparece misteriosamente nas águas. O boto só sossega quando engravida a moça que enfeitiçou, mas minha mãe dizia que o boto tinha era a costa larga, porque levava a culpa, pois os filhos que as mulheres esperavam eram frutos de relacionamentos que os pais não permitiam ou de homens casados, mas por ser o filho do boto um fruto do encantamento, a moça era bem aceita na comunidade (PIBID/Letras-Língua Portuguesa. Relato do imaginário lendário dos estudantes, 2019).

Na imagem 4, destaca-se a representação da lenda do Curupira, que além de proteger os animais silvestres de caçadores inescrupulosos, é um ser conhecido e muito temido, pois rapta crianças e as devolve somente, após sete anos.

Figura 4: Representação Artística do personagem lendário o Curupira.



Fonte: Arquivo do PIBID/Letras-Língua Portuguesa – 2019.

Ainda sobre o Curupira, conta-se que as crianças eram levadas, por falta de atenção e cuidados dos pais, então o Curupira levava para os confins da floresta e cuidava. Mediante a capacidade imaginal da estudante, afirma-se que,

A mãe do menino saiu para a beira do rio e então apareceu o Curupira e se transformou na mãe dele e o chamou. Ele, por sua vez, não viu para onde havia ido

119

a sua mãe e resolveu acompanhar o Curupira para o mato. Quando chegou ao meio da floresta, encontrou um pau ocado de nome “Sumaumeira” e então o Curupira levou o menino para dentro do buraco do pau [...] (PIBID/Letras-Língua Portuguesa. Relato do imaginário lendário dos estudantes, 2019).

Na representação da figura 5, a seguir, temos uma personagem feminina, a Iara, personagem do lendário amazônico, muito conhecida por seu canto hipnótico que seduz e enfeitiça os pescadores. Na rapsódia amazônica Macunaíma, de Mário de Andrade, é a Iara (Uiara) que após grande luta corporal no fundo do rio, consegue arrancar a perna do herói Macunaíma. Ela é a Rainha do Encantamento e Mãe das Águas (Mãe d'água).

Figura 5: Representação Artística da personagem lendária Iara.



Fonte: Arquivo do PIBID/Letras-Língua Portuguesa – 2019.

Mediante o imaginário do estudante, é uma sereia, um ser irresistível, que atrai suas vítimas para o fundo dos rios. Segundo o relato do estudante da Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz:

os poucos que conseguem retornar à superfície, enlouquecem, pois seu canto é irresistível; a loucura do homem só é curada com uma reza de um homem xamânico, ou seja, um poderoso pajé da tribo, ou um bom rezador. Os feitiços da Iara acontecem quando os homens pescam de maneira gananciosa e estragam os peixes, então a Iara aparece para castigar aqueles que não respeitam os que habitam nas profundezas dos rios, por isso é conhecida como a Mãe das águas, por proteger os que nela moram (PIBID/Letras-Língua Portuguesa. Relato do imaginário lendário dos estudantes, 2019).

A tradição oral, as lendas e os mitos são enciclopédias nas quais estão contidos os saberes de uma ancestralidade; representar esses saberes milenares, por intermédio da arte, é uma das formas de manter uma cultura viva e fortalecê-la, configurando-se como um elemento fundamental para a sobrevivência, ressignificação e valorização da cultura amazônica.

É importante ressaltar que a cultura dos povos da Amazônia está diretamente ligada ao universo dos mitos e das lendas e as pessoas recriam este universo de mundo imaginal, revelando a capacidade criativa do seu imaginário. Desse modo, o real e o imaginário se interpenetram livremente, refletindo “de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (LOUREIRO, 2015, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos que os povos da Amazônia têm uma história, e que ela pode ser revelada pelas representações artísticas e culturais, as quais nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história e da cultura desses povos, desmistificando ideias estereotipadas e carregadas de juízos de valores acerca desta região, consideramos relevante o desenvolvimento do projeto de ensino “Representações do imaginário lendário amazônico, através da arte, na Escola Estadual Profa. Nazira Litaiff Moriz”, integrado ao PIBID/Letras-Língua Portuguesa, desenvolvido no município de Tefé.

Destacamos aqui que o projeto de ensino apresentou resultados satisfatórios, pois além de proporcionar o desenvolvimento do potencial artístico, promoveu a interação e o protagonismo dos estudantes em suas produções artísticas, colocando-os como autores de sua arte e de conhecimento de sua identidade cultural. Os estudantes demonstraram interesse e, sobretudo, ampliaram o olhar artístico, representando em suas ilustrações, os elementos pertinentes à cultura amazônica local.

Além do protagonismo dos estudantes e dos próprios bolsistas de iniciação à docência, a abordagem participativa possibilitou um conhecimento mais aberto e libertador, abrindo a roda no campo pedagógico para a inclusão de outras formas de conhecimento cultural que sempre estiveram presentes na Amazônia, mas que foram invisibilizadas pelo conhecimento hegemônico das ciências.

Pode-se afirmar, como resultado satisfatório, que os estudantes compreenderam a

relevância de conhecer e valorizar os aspectos culturais da sua região e assim, manter viva, através da arte, a cultura ancestral. Com as atividades desenvolvidas no transcorrer do trabalho realizado pela equipe do PIBID/CAPES/UEA, constatou-se que os mesmos desenvolveram a sensibilidade artística e criativa, ocasionando inúmeras “reações imaginativas”. As ilustrações e desenhos produzidos pelos educandos revelaram também vários significados, valores e, sobretudo, características literárias, artísticas e culturais predominantes da região amazônica como as representações do imaginário, através das lendas, mitos e outras narrativas populares que representam o patrimônio cultural e histórico das pessoas desta região. Sendo assim, infere-se que o imaginário lendário amazônico retratado nas artes, produzidas pelos alunos, mantêm uma expressão de identidade cultural, ligada à conservação e preservação dos elementos da natureza e riqueza amazônica.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à Teoria da Literatura**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Magali. **O Imaginário Brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, 2002.

BRASIL/Ministério da Educação/MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais / Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CACAU, Renara Auanário; MORIZ SCHWAMBORN, Núbia Litaiff; FONSECA, Thaila Bastos da. Desenvolvendo a arte pan-amazônica, através do PIBID, na Escola Estadual São José. *In: Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade do Estado do Amazonas - UEA*: Manaus: Escola Normal Superior: nov. 2019.

CANO, Flores Milagros. **Investigación participativa**: inicios y desarrollos. Xalapa: Nueva, 2003.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes**: construindo caminhos. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2001.
FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA. **A arte no Amazonas**. Concultura: Manaus, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Valer, 2015.

MORAES, Péricles. **Os intérpretes da Amazônia**. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MORIZ, Núbia Litaiff. **Literatura Amazonense**: reflexões no processo de ensino e aprendizagem do ensino médio das escolas estaduais de Tefé/AM. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (*Masterado en Ciencias de la Educación*). Universidad San Carlos. Asunción/PY. Disponível no acervo bibliotecário do CEST/UEA. Tefé/AM, 2012.